

armando avena

 armandoavena@uol.com.br

E A LAMA COBRIU O BRASIL

Quando a lama chegou à foz do Rio Paraopeba, quase duas centenas de pessoas já estavam mortas e ainda havia desaparecidos, mas ela continuou seu caminho e parecia impossível detê-la. Todos temiam que a lama chegasse ao Rio São Francisco, o rio da Integração nacional, mas, sem aviso, contrariando os laudos que afirmavam estar tudo bem, ela tomou um atalho em direção ao Planalto Central, invadiu a BR-040 e se pôs a caminho de Brasília. A Vale, empresa responsável pelo desastre, garantiu que a lama não chegaria à capital do país, anunciou que colocaria barreiras impedindo-a de prosseguir e que todas as outras barragens que continuavam se rompendo seriam desativadas. E de quebra, e para acalmar os

ânimos, deu 100 mil reais a cada família que tivesse um morto ou desaparecido, como se a dor pela perda de pai, mãe, filho ou sobrinho pudesse ser consolada com alguns trocados.

A empresa mobilizou a imprensa, seus diretores solidarizaram-se com as vítimas, deram declarações pomposas e garantiram que aquilo jamais voltaria a ocorrer. Ninguém acreditou, todos já sabiam que a tragédia quando se repete transforma-se em farsa. Mas os diretores da empresa, cientes da impunidade e de que em breve suas ações na Bolsa voltariam a subir, e com elas seus salários monumentais, acreditaram que a situação estava resolvida. Foi então que perceberam que a lama já havia chegado a Brasília e, avançando

pelo Eixão, agora se espalhava pela Esplanada dos Ministérios.

Quando chegou à Praça dos Três Poderes, a lama invadiu o Palácio da Justiça e não adiantaram os magistrados garantirem que obrigariam a empresa a pagar as multas da outra tragédia – e nenhuma delas tinha sido paga – ou prometerem que as famílias seriam indenizadas após três anos de espera, pois a essa altura cada gabinete da corte estava repleto daquela gosma que misturava descaso e incompetência com os dejetos das mineração. A lama já havia encoberto “A Justiça”, a escultura de Alfredo Ceschiatti que, impávida e cega, dominava o prédio do Supremo Tribunal Federal, quando atingiu o Congresso Nacional e entrou pela chapelaria, como se parlament fosse, invadindo cada gabinete, especialmente aqueles cujos ocupantes eram financiados pelas mineradoras, para, finalmente, espalhar-se pelo plenário da Câmara e do Senado, onde as regras que exigiam investimentos em segurança e proteção às pessoas e ao meio ambiente não eram aprovadas e onde se vetavam as leis que responsabilizavam as grandes mineradoras.

A câmara alta e a câmara baixa

já estavam cobertas de lama quando a onda chegou ao Palácio do Planalto. E não adiantou o governo prometer um novo marco da mineração, aplicar multas milionárias na empresa dolosa e garantir que endureceria nas licenças ambientais, pois logo a mancha marrom tomou as colunas do Palácio do Planalto, subiu a rampa e encheu o parlatório como se quisesse discursar para o país. A lama parecia íntima do Palácio, afinal ali já havia um barro antigo, escuro e sólido, cozido nas caçarolas da corrupção, formando um aluvião estranho, uma mistura de presidentes e presidentes, empresas estatais, empreiteiras corruptas, doleiros e dirigentes de partidos.

O governo recém-empossado protestou avisando que mal havia chegado ao prédio e que a argila corrupta vinha de outros tempos, mas já haviam pegadas de um barro estranho na periferia familiar do novo poder e talvez a lama já tivesse passado por ali. O povo assistiu a tudo de longe e viu quando a Esplanada dos Ministérios cobriu-se de barro e a Praça dos Três Poderes submergiu baixo a onda de dejetos. Foi quando, do alto da torre de televisão de onde se avista Brasília, uma criança gritou desconsolada: A lama cobriu o Brasil.

IMÓVEIS NO CENTRO HISTÓRICO

Recebo a informação de que a hotelaria está interessada em comprar imóveis no Centro Histórico de Salvador. E que tanto a prefeitura quanto o governo do estado teriam imóveis e poderiam negociá-los. Não sei se a informação é correta, mas a ação é corretíssima. O Centro Histórico de Salvador precisa ser habitável, ter uma população que vive no local e hotéis que tragam gente do mundo inteiro para conhecer as belezas da Bahia. Há uma conversa enfiada afirmando que a ocupação do local tenderia a expulsar a população pobre. Conversa fiada. É o contrário, se bem conduzida, essa ocupação pode gerar oportunidades de sobrevivência à população de baixa renda, gerando emprego, renda e comércio. Praia do Forte, o mais belo balneário da Bahia, bem mais interessante do que Trancoso, conseguiu fazer com que uma infinidade de hotéis, pousadas, restaurantes e casas de veranistas convivem em harmonia com os chamados “nativos” e hoje são dezenas as lojas, os serviços e o emprego oferecidos pela população local.

TURISMO E CULTURA

O governador Rui Costa deve anunciar esta semana o nome do novo secretário de Turismo do Estado. A escolha reverte-se de enorme importância neste momento em que Salvador se destaca no ranking do turismo, nacional e internacional. O secretário de Turismo precisa ser uma liderança nova, técnica, com trânsito em outros estados, com capacidade de articulação com o trade turístico e com a prefeitura de Salvador, para que assim os esforços de cada esfera do poder público sejam potencializadas. A área cultural precisa também voltar a ser destaque nacionalmente. A Bahia carece de uma nova política cultural, pois a atual pulveriza os recursos e está excessivamente focada nos gestores e na burocracia, quando o objetivo maior deveria ser o estímulo aos artistas e produtores culturais. Turismo e Cultura são a cara da Bahia e o governo quando se apercebe disso se aproxima mais do povo desta terra.



Lama da Vale tomou um atalho em direção ao Planalto Central

ODÔ IYÁ

“Vestida de branco e perfumada de alfazema, Clara carrega o buquê de flores que oferecerá a Iemanjá. O Paraguaçu está enfeitado de savírios, repleto de presentes e oferendas. É dia de festa para os negros que vão homenagear a Rainha das Águas. Mas nem sempre foi assim. Houve um tempo em que, em vez de

presentes, os vapores traziam negros, arrancados de sua terra à força para tornarem-se escravos nos canaviais do Recôncavo.

Mas os negreiros não traziam apenas os negros a quem a liberdade fora roubada, seus Deuses também atravessaram o Atlântico e não podiam ser acorrentados.

Fizeram então da curva do Rio Paraguaçu uma de suas moradas e, em seu louvor, os fiéis cantavam e dançavam ao som de atabaques.

Um dia, cansadas de ouvir o lamento dos escravos, Iemanjá e Oxum trouxeram de longe uma baleia imensa que subindo o rio encolheu no meio dele, e elas a transformaram em

pedra para assim fechar as portas do rio as embarcações que conduziam a morte e a escravidão. E os negreiros não mais vieram, pois aqueles que ousassem transpor a Pedra da Baleia afundariam”. Com um trecho do meu livro Recôncavo, louvo a Iemanjá, dona do mar da Bahia e rainha das águas. Odô Iyá.